

Disney

**Mulan**

*Mulan live-action novelization*

Copyright © 2020 Disney Enterprises, Inc.

All rights reserved. Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.

Copyright © 2020 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

*Diretor editorial:*

Luis Matos

*Gerente editorial:*

Marcia Batista

*Assistentes editoriais:*

Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

*Tradução:*

Cynthia Costa

*Preparação:*

Jéssica Dametta

*Revisão:*

Nestor Turano Jr. e Juliana Gregolin

*Adaptação de capa e projeto gráfico:*

Valdinei Gomes

*Diagramação:*

Vanúcia Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R854m

Rudnick, Elizabeth

Mulan : livro oficial do filme / Elizabeth Rudnick ; tradução de Cynthia Costa ; baseado no filme Mulan, da Disney; roteiro de Rick Jaffa...[et al]. -- São Paulo : Universo dos Livros, 2020.

256 p. : il.

ISBN: 978-85-503-0497-7

Título original: *Mulan live-action novelization*

1. Literatura infantojuvenil 2. Disney, Personagens de  
I. Título II. Costa, Cynthia III. Jaffa, Rick

20-1279

CDD 028.5





# UM



O sol da manhã brilhava sobre o lar de Mulan. Em pé no meio do conjunto circular de edifícios interligados do *tulou* chinês, composto por sua casa e pelas casas dos vizinhos, ela ouvia a movimentação dos aldeões ao seu redor. De uma varanda no segundo andar, uma mãe pediu para a filha levar a roupa recém-lavada. Em uma cozinha no térreo, uma colher batia dentro da tigela – outra mãe estava preparando o jantar. Da abertura entre os edifícios que levava até a estrada, Mulan conseguia ouvir os “mus” baixinhos das vacas regalando-se em pasto novo e os cacarejos ocasionais das galinhas soltas, que desviavam das pesadas patas dos animais maiores. Vindo de sua própria casa, misturado a todos os outros sons, Mulan ouvia um clique contínuo – *click, click, clack, clack* – da lançadeira de tear operada por sua mãe e sua irmã mais nova.

Mas esses sons não distraíam Mulan. Ela tinha crescido com eles. Ela passara todos os dias de seus sete anos convivendo com os mesmos aldeões. Hoje, os *tocs* e *tacs* compunham apenas o barulho de fundo para a sua missão do momento: levar as galinhas ao galinheiro.

Infelizmente, as galinhas não estavam muito dispostas a

obedecer. Já havia uma hora que Mulan e seu pai, Hua Zhou, estavam tentando conduzir o pequeno grupo de aves de um lado do pátio para o outro. Mas, a cada vez que conseguiam levar a maior parte das galinhas no mesmo sentido, uma sempre acabava escapando do grupo. De tanto correr de um lado para o outro na frente do pai, tentando agarrar os animaizinhos, a testa de Mulan estava molhada de suor. E seu braço estava começando a doer de tanto bater a vara de madeira no chão para chamar a atenção das aves. Ainda assim, ela não perdia o ritmo e, enquanto seu pai parecia querer desistir da tarefa, Mulan estava prontíssima para continuar. Ela amava um desafio. E agrupar as galinhas certamente era um desafio.

– Calma, Mulan...

A voz de seu pai era séria, mas amável. Olhando para cima, ela viu o calor dos olhos castanhos de Zhou dirigido a ela. Ele sorriu. Mulan sabia que muitas pessoas na aldeia se sentiam intimidadas por seu pai. Ele sempre andava de cabeça erguida e peito estufado. Havia sido um guerreiro feroz, embora o seu corpo estivesse se tornando mais frágil com a idade. Seus ombros já estavam levemente curvados, e seu cabelo não era mais tão volumoso. Mesmo assim, ele ainda exalava um ar de confiança, ainda que, por ter ficado manco, fosse forçado a caminhar com uma bengala. Para Mulan, ele não era nem feroz nem assustador. Ele era seu pai. E ela o adorava.

Aos sete anos de idade, Mulan sabia que deveria passar seu tempo ajudando sua mãe a cuidar da casa, mas ela não tinha interesse em tecelagem, culinária e limpeza. O simples ato de pensar nessas tarefas chatas já a fazia bocejar. Sua irmãzinha, Xiu, gostava de fazer tudo isso – e fazia com excelência. Então, seria muito mais útil, como Mulan tinha argumentado mais de uma vez, se Xiu trabalhasse com a mãe enquanto ela ajudava o pai, que não

tinha filhos homens para lidar com desafios – como conduzir as galinhas traquinas.

Um cacarejo bem agudo trouxe os pensamentos de Mulan de volta para a sua tarefa. Como se finalmente tivessem se dado conta de que ganhariam comida e descanso caso se empoleirassem, as galinhas começaram a se mover em grupo. Mulan deu um gritinho de felicidade, assustando uma senhora que estava dentro do santuário que ficava bem no centro do pátio. Ela estava acendendo um incenso na base da grande estátua da Fênix que dominava o espaço interno. Assim como o restante do conjunto de casas, o santuário já não era como antes. Telhas haviam caído da cobertura e mais de uma placa de madeira estava solta. A estátua, no entanto, mantinha-se em bom estado. Para aqueles que viviam na aldeia, ela era a parte mais sagrada e importante de seu pequeno mundo. Era uma representação de seus ancestrais, uma conexão com os que vieram antes. Cada homem, mulher e criança passava ao menos uma parte de seu dia no santuário, desfrutando da quietude e da paz do lugar. A menos, claro, que alguém gritasse lá fora.

Por um momento, pareceu a Mulan que a tarefa estava concluída. Seu pai estava levando a última galinha ao galinheiro. Mas, de canto de olho, ela avistou uma galinha solitária afastando-se do grupo. Fez uma careta e olhou para o pai. Zhou estava distraído, certificando-se de que todas as galinhas haviam sido recolhidas. Ele não tinha notado a fujona. Um olhar de determinação tomou conta da expressão de Mulan. Silenciosamente, ela deslizou para longe, abaixando-se e driblando alguns vizinhos pelo caminho enquanto perseguia a avezinha em direção a uma construção de madeira rústica.

Mulan manteve o seu ritmo constante e seus passos lentos. Em sua cabeça, ouvia a voz de seu pai contando, mais de uma vez, a história da tartaruga e da lebre. Ninguém acreditava que o ritmo



lento da tartaruga poderia ganhar uma corrida contra a rápida lebre. Mas, enquanto a lebre corria de forma irregular, a tartaruga, lenta e progressivamente, cumpriu o caminho até a linha de chegada. Uma parte dela sabia que deveria agir como a tartaruga: esperar e deixar a galinha perceber sozinha que estava com fome e cansada. Mas a sua parte que era semelhante à lebre – a parte que era péssima na hora de fazer as coisas de forma lenta e constante – não queria esperar nada.

Enquanto a ave movia-se para longe de seu alcance, o coração de Mulan batia forte, e os seus dedos começaram a se contrair. Seu ritmo acelerou. Primeiro, uma caminhada mais rápida e, em seguida, uma corridinha, até que ela acabou disparando em direção à galinha. Ouvindo os passos de Mulan, a galinha soltou um *cocó!* bem alto e correu mais rápido, batendo as asas descontroladamente e espalhando penas para todo lado.

Foi dada a largada!

Mulan perseguiu a galinha por todo o pátio. Mas toda vez que os seus dedos quase a agarravam, a espertinha corria para o outro lado, ganhando mais alguns minutos de liberdade.

Notando o que a filha estava fazendo, Zhou gritou:

– Mulan! Esqueça essa galinha!

Mas o ritmo de Mulan não diminuiu.

Ela quase não registrou o fato de que a galinha estava indo voluntariamente para o galinheiro, passando agora pelo santuário. Empolgada, Mulan continuou a seguir a ave, que desajeitadamente voou por cima da estátua da Fênix. Mulan saltou e passou raspando pela antiga relíquia. Os seus pés não a tocaram... Mas a vara que ela ainda estava carregando...

Com um *CRAC!* alto, a vara atingiu com tudo o grande pássaro de pedra, derrubando a sua asa esquerda. Fora do santuário, os outros moradores de repente interromperam as suas tarefas para ver o

que havia acontecido. Todos soltaram um suspiro coletivo ao assistirem à asa caindo no chão com um baque. Eles nunca haviam dado atenção às brincadeiras de Mulan – até agora.

Ainda assim, Mulan não percebeu nada. Ela já estava fora do santuário, ainda correndo atrás da galinha por uma escadaria que levava a uma varanda no segundo andar do prédio. Ao ver a menina correndo em sua direção, uma jovem mãe que segurava um bebê em seus braços desviou para não ser atropelada. Correndo, Mulan abaixou-se para passar sob um cesto de arroz carregado por dois homens e acabou trombando com uma mulher que estendia a roupa no varal. A mulher gritou quando a roupa voou pelos ares, assim como mais penas de galinha.

– Mulan! Controle-se!

Ao som da voz de sua mãe, os passos de Mulan abrandaram. À frente, ela viu a mãe, Li, em pé ao lado da porta de sua casa, com os braços cruzados e uma cara feia, embora o seu rosto fosse na verdade lindo. Ao lado dela, estava Xiu. Ao contrário de sua mãe, a expressão no rosto de Xiu era alegre – ela achou divertido ver Mulan e a galinha correndo em direção a elas ao longo da varanda estreita.

A ave chegou ao fim da varanda e, mais uma vez, saiu voando. A criatura de asas curtas e corpo pesado não conseguiu ir longe, mas foi capaz de chegar ao telhado. Mulan recuperou seu ritmo original e não desacelerou, mesmo com o fim da varanda se aproximando cada vez mais. No último momento, Mulan estendeu a mão e agarrou um varal. Rapidamente, ela jogou o corpo para cima e conseguiu subir no telhado inclinado.

Mas, então, parou bruscamente, com os pés se equilibrando na beirada. Diante dela, a exuberante paisagem verde se espalhava pelo horizonte. A vegetação sobre as colinas oscilava ao vento suave, como as ondas na superfície da água. A respiração ofegante

de Mulan de repente parou. O mundo era tão grande, tão vibrante. Ela desejou, não pela primeira vez, explorar o que havia além do horizonte. Mas não havia possibilidade de ela partir. Sua vida, seu destino, estavam amarrados ao *tulou* em que se encontrava. E, como sua mãe gostava de dizer, não tinha como escapar do destino.

*CÓ!*

O cacarejo da galinha interrompeu os pensamentos de Mulan, trazendo-a de volta ao presente. Estreitando os olhos, ela começou a se mover ao longo do telhado. Abaixo de si, o grupo de moradores, que tinha sido atraído para o pátio graças ao barulho da asa da estátua quebrando, olhava para Mulan. Horror e desaprovação forravam os seus rostos. Algumas das mulheres mais velhas sussurravam entre si, sem se esforçarem para disfarçar o seu tom de decepção.

Como se tivesse decidido dar fim ao jogo, a galinha parou, caminhou até a borda do telhado e, com uma batida rápida de asas, pousou no chão. Soltando ainda um último *cocó!*, dirigiu-se ao galinheiro.

Vendo isso, Mulan fez um aceno de satisfação. Lá embaixo, seu pai apressou-se e fechou o portão para que a galinha travessa não escapasse mais. Ela sentiu uma onda de orgulho. Pelo menos uma crise tinha sido evitada.

Mas, quando seu pai ergueu o olhar e encontrou o dela, Mulan percebeu que havia ainda mais um problema a ser resolvido. Ela tinha conseguido chegar ao telhado, mas como desceria agora? Encarou a distância entre si e o local de pouso da galinha. Cheia de determinação, cerrou os punhos.

– Mulan – disse seu pai, reconhecendo aquele olhar –, preste atenção. Você vai respirar fundo e depois, lentamente, bem lentamente, vai descer até aqui. – Os olhos de Mulan não

desviaram do galinheiro e da galinha criminosa, que agora estava sã e salva lá dentro. – Desça – ele repetiu. – Está me entendendo?

Mulan não respondeu de pronto. Ela sentia como se o tempo tivesse parado. O vento deixou de soprar em suas bochechas. Ela só conseguia ouvir o ar entrando e saindo de seus pulmões e seu coração batendo contra o peito. Seus dedos se contraíam, querendo se mover. Um passo, e ela poderia saltar. Um passo e, como a galinha, poderia voar. Mas ela logo voltou a si. A brisa soprou novamente contra o seu rosto. Balançando a cabeça, Mulan desviou o foco do galinheiro. Viu a multidão reunida e, ali no meio, seu pai.

– Sim – ela disse.

Zhou começou a sorrir, mas o sorriso virou um suspiro quando Mulan deu um passo não muito cuidadoso à frente. Na pressa, ela tropeçou no telhado de ardósia escorregadio. Abriu os braços, tentando desesperadamente manter o equilíbrio, mas era tarde demais. Estava na beirada. No momento que o grupo abaixo soltou um suspiro coletivo, Mulan caiu.

Por um terrível momento, Mulan acreditou que estava caindo para a morte.

Mas, então, a sua mente clareou. A mesma sensação de que o tempo passava devagar voltou e foi realçada por um raio de sol, um feixe solitário projetado para fora de uma das varandas, que captou seu olhar. Contorcendo o corpo de uma forma que parecia desafiar a gravidade, Mulan parou de agitar os braços e estendeu a mão para agarrar o feixe. Usando o raio de luz, Mulan desacelerou a sua descida. Seu corpo parou de cair e, em vez disso, começou a balançar como um pêndulo em torno do feixe. Quando ganhou controle suficiente, ela o largou e deu uma cambalhota no ar, pousando no chão sobre os seus pés.

Ilesa, Mulan olhou em volta, para a multidão. Seus olhos estavam brilhantes e suas bochechas rosadas graças à emoção e ao

orgulho que sentiu ao pousar perfeitamente.

E, então, ela olhou para o pai. Zhou não disse nada. Não precisava. Os seus sentimentos estavam estampados em seu rosto. O que Mulan tinha acabado de fazer, os danos que tinha causado e o perigo em que havia se colocado, era tudo muito além do aceitável. Mulan havia decepcionado o pai.

O sorriso em seu rosto desapareceu.

## DOIS



Mulan estava sentada atrás de Xiu, distraidamente escovando os longos cabelos pretos da irmã. À sua frente, a menina estava tranquila, perdida em seus pensamentos. Mulan não se importava com o silêncio. Seu cérebro já estava bastante ocupado.

Ela só conseguia ver seu pai e aquele olhar de decepção. Ele a assombrava como um pesadelo do qual não conseguia acordar, fazendo-a se sentir perturbada e inquieta. A última coisa que ela gostaria de ter feito era magoar o pai. Mas não tivera escolha. Ou, pelo menos, isso era o que dizia a si mesma. Seu pai não teria dado conta da perseguição com uma perna manca. Embora tivesse sido um herói na guerra, seu ferimento o impedia de trabalhar tão duro quanto gostaria. Mulan queria simplesmente ajudar.

De alguma forma, parecia que ela tinha feito exatamente o oposto.

– Mulan?

A voz calma de Xiu interrompeu os pensamentos sombrios de Mulan. Sua mão parou, a escova pairando sobre o cabelo de Xiu, esperando para ouvir o que a irmã tinha a dizer.

– O que aconteceu quando você caiu do telhado? – Xiu perguntou.

Mulan não precisou perguntar o que Xiu queria dizer. Ela tinha sentido uma coisa... estranha... enquanto caía. Como se sua mente tivesse visto um passo à frente, e seu corpo soubesse os movimentos necessários antes de ela mesma ter consciência deles. Mas ela não estava pronta para admitir esses seus pensamentos em voz alta, especialmente para a irmã mais nova.

– Eu estava perseguindo aquela galinha malvada – disse ela, voltando a pentear os cabelos de Xiu.

Sob a escova, Xiu balançou a cabeça.

– Não – ela insistiu. – Quando você *escorregou*, por um momento, foi como se você fosse um pássaro... – a voz da menina dissipou-se.

Mulan franziu a testa, surpresa pela observação astuta de sua irmã. Xiu estava certa. Ela se sentira como um pássaro. Como se tivesse flutuado e girado em torno daquele feixe de luz, sem medo. Ela se sentira viva. Mais viva do que nunca. Ela parecia um pássaro ganhando o céu, brincando com o vento. Não como uma galinha desajeitada, mas como uma graciosa ave de rapina.

Mas como era possível? Ela não ousara pensar sobre o assunto até esse momento, mas sabia que tinha escapado por pouco de se machucar, ou algo pior. Seja lá o que fosse, aquele sentimento dentro dela tinha conseguido salvá-la. O que era estranho. Não havia possibilidade de ela explicar isso para a irmã, porque Xiu, certamente, iria achar tudo muito esquisito. Então, Mulan mudou de assunto.

– Xiu – ela disse, parando o movimento da mão. – Não entre em pânico, mas há uma aranha subindo em seu cabelo.

Xiu ergueu os ombros em direção às suas orelhas e, então, virou-se com tudo para encarar a irmã, seu rosto inocente tomado de medo.

– Você sabe que eu tenho medo de aranhas – ela disse, e seu lábio inferior começou a tremer. Então, os seus olhos se

estreitaram. – Este não é um de seus truques, né, Mulan?

Mulan tentou não sorrir.

– Não se mova – avisou. – Se você ficar quietinha, vou *esmagá-la...*

Mas a sua fala foi interrompida pela voz de sua mãe ressoando lá de baixo.

– Você mima demais essa menina – Li falou, sua voz alta vindo da sala de estar.

Mulan e Xiu pararam para ouvir. Fechando os olhos, Mulan prendeu a respiração. Ela podia imaginar o pai e a mãe em sua típica rotina noturna: a mãe arrumando a casa e o pai tirando a atadura de sua perna. Só que, naquela noite, eles não estavam realizando as suas tarefas silenciosamente, como sempre faziam.

– Não há nenhum mal em ajudar com as galinhas – Zhou respondeu.

Mulan ouviu os passos suaves e regulares de sua mãe caminhando em direção ao marido.

– Você sabe que não estou falando de galinhas – ela continuou. – Eu estou falando sobre ela... Esse seu espírito arrojado. Não podemos incentivá-lo.

– Mulan é jovem – Zhou argumentou. – Ela ainda está aprendendo a se controlar.

Lá em cima, no quarto, Mulan ficou nervosa. Sabia que o pai tinha boa intenção, mas ele estava falando dela como se fosse uma égua selvagem, não como sua filha. Ela se remexeu sobre o banco, desejando que pudesse parar a conversa, mas, ao mesmo tempo, estava curiosa para ver aonde iria dar. Ela não teve de esperar muito.

– Você justifica o que ela faz! – Li protestou, com frustração em sua voz. – Você se esquece de que Mulan é uma *filha*, não um filho. Uma filha traz honra para a família por meio do casamento.

– Qualquer homem seria sortudo de se casar com a nossa Mulan



- disse Zhou.

Ouvindo a certeza na voz do seu pai, Mulan mordeu o lábio. Ela queria ser a garota que ele acreditava que ela fosse. Talvez perseguir a galinha *tivesse* sido um pouco imprudente. E talvez ela *devesse* ter escutado o pai quando ele lhe pediu que parasse. Mas será que as suas atitudes bobas realmente estavam arruinando a sua perspectiva de um casamento no futuro?

Como se estivesse ouvindo os pensamentos da filha, Li continuou:

- Xiu não me dá nenhum problema. A casamenteira vai encontrar um bom marido para ela.

Mulan não precisava estar na sala para imaginar a careta no rosto de sua mãe, ou a maneira nervosa como ela devia estar esfregando a testa. Quando falou de novo, sua voz soou triste, angustiada.

- É com Mulan que me preocupo. Sempre com Mulan. - Houve outra pausa e, então, ela continuou, sua voz quase impossível de ouvir: - Eu não sei qual é o lugar dela neste mundo.

O silêncio instalou-se na sala.

Mulan sentiu os olhos da irmã sobre ela, mas se recusou a levantar a cabeça. Em vez disso, olhou para a escova de cabelo em seu colo e esfregou ansiosamente as cerdas. A voz de sua mãe ecoou dentro de si. Será que ela estava certa? Não havia lugar para ela no mundo? Lentamente, Mulan soltou um suspiro irregular. Ela nunca sentira que verdadeiramente pertencesse ao grupo de meninas da aldeia. Era sempre a primeira a ir parar em uma poça de lama ou a rasgar a barra da camisa. Sempre se sentira mais confortável ao lado do pai, no campo, do que ao lado da mãe, no fogão. Mas nunca tinha pensado que isso pudesse ser errado... até agora.

- Ela não falou de coração - Xiu a consolou.

Mulan permaneceu em silêncio. Ela não estava pronta para falar. Mas sua irmã era determinada.

– Fale da aranha – Xiu insistiu.

– Não há aranha nenhuma – murmurou Mulan. Ela não estava com cabeça para joguinhos.

– Quantas pernas ela tem? – Xiu continuou, ignorando a careta da irmã.

Mulan suspirou.

– Você sabe que as aranhas têm oito pernas – ela respondeu, incapaz de se controlar.

– Não é preta, ou é? – Xiu perguntou, fingindo um olhar assustado, como se uma aranha de verdade estivesse subindo nela.

Ela esperou para ver o que Mulan faria ou diria.

Mulan olhou para a irmã. O rosto de Xiu era inocente e cheio de esperança e, embora não quisesse mais nada além de se afundar em autopiedade por mais alguns momentos, Mulan nunca fora capaz de dizer não a Xiu. Ela ficava impotente diante do enorme coração da irmãzinha. Então, começou a assentir com a cabeça.

– Sim, ela é preta. Com bolinhas vermelhas – ela disse, envolvendo-se na história. – E sinto muito em dizer que é bem peluda! Está subindo pelo seu pescoço agora mesmo! Ela esticou os dedos e fez cócegas no pescoço de Xiu.

Em resposta, Xiu gritou. Um sorriso substituiu a careta de Mulan. Sua mãe podia não saber onde ela se encaixava no mundo, mas, agora, Mulan estava mais preocupada em fazer sua irmã rir e curtir aquele momento. Haveria tempo de sobra para se preocupar com o futuro – depois.



Infelizmente, não foi *tão* depois assim. Ao acordar de um

pesadelo terrível, em que estava correndo atrás de uma galinha do tamanho de uma pessoa, Mulan se sentou na cama com o coração batendo rápido. Lá fora, o luar iluminava a noite. Ela se levantou, caminhou até a janela e olhou para o pátio lá embaixo.

No centro, o santuário ancestral estava brilhando sob feixes de luz branca. As chamas das velas tremulavam fracamente lá dentro, apenas o suficiente para lançar sombras sobre a estátua da Fênix – e sobre a asa que estava faltando.

*Talvez, pensou Mulan, tudo ficará bem... Se eu consertar a Fênix.*

Saindo do quarto na ponta dos pés, ela desceu as escadas até a cozinha, alcançou o armário e pegou uma tigela grande e um pilão de pedra. Passando para a mesa, organizou os utensílios e encheu a tigela com as sobras de arroz grudento do jantar. O mais silenciosamente possível, ela começou a amassar o arroz. Os grãos grandes rapidamente viraram uma papa, e depois uma pasta espessa. Satisfeita, Mulan pegou a tigela e saiu de casa.

Ao pisar lá fora, uma nuvem cobriu a lua, fazendo com que uma escuridão repentina tomasse conta do pátio e do santuário. Por um momento, Mulan parou. Talvez ela devesse simplesmente deixar as coisas como estavam; talvez já tivesse causado danos demais. Mas, então, a nuvem se moveu e, mais uma vez, o santuário ficou luminoso. A Fênix, sempre paralisada como se estivesse prestes a se erguer das cinzas, parecia manca com apenas uma asa. Mulan assentiu para si mesma. Ela iria consertar o que tinha quebrado.

Ao entrar no santuário, Mulan ajoelhou-se no chão. Em seguida, ergueu a asa quebrada e a colocou em seu colo. Lenta e cuidadosamente, ela espalhou a pasta espessa na extremidade da asa. Depois de cobrir toda a lateral, ela se levantou e caminhou até a estátua. Recolocou, então, a asa no corpo. Ficou ali quietinha, e seus dedos foram ficando brancos ao pressionar a asa contra o corpo do pássaro, esperando que colasse. Quando teve certeza de

*image  
not  
available*

fatal, Mulan. Essa é a lição da Fênix. O que importa é levantar e continuar a cada dia. A Fênix vai cuidar de você. É o trabalho dela. E o seu trabalho é trazer honra para sua família. Você acha que pode fazer isso?

Mulan olhou para o pai. Ela nunca tinha ouvido a lição da Fênix dessa forma. Sabia que a Fênix protegia o Imperador. Mas ela também a protegia? Aí já era outra coisa. Se o pássaro mítico podia lhe oferecer proteção, o mínimo que Mulan podia fazer era oferecer um sacrifício para a sua família. Se isso significava seguir o mesmo caminho de sua irmã e ficar à sombra da mãe, é isso que ela faria. Se isso significava deixar as galinhas fugirem, ela as deixaria fugir. Faria o que seu pai lhe pedira. Deixaria a sua família orgulhosa, traria honra a eles, não importa que tipo de sacrifício tivesse de fazer.

Mulan segurou a mão de seu pai e eles caminharam de volta para casa. Atrás deles, a asa da Fênix caiu de novo.

*image  
not  
available*

a Fênix a estava protegendo agora e continuaria a cuidar dela mesmo depois de seu casamento. Com Fênix ou sem Fênix, Mulan tinha prometido ao pai que traria honra à família. Mesmo que isso significasse sacrificar sua própria felicidade.

Respirando profundamente, ela assentiu:

– Sim – ela disse com a voz suave. – É melhor assim. Trarei honra para todos nós.

Sua mãe suspirou de alívio, e Mulan afundou em sua cadeira. Enquanto a família retomava a conversa rotineira do jantar, Mulan ficou em silêncio, perdida nos próprios pensamentos. Em um momento, a sua vida e o seu destino tinham sido decididos. Ela nunca havia se sentido tão arrasada.



Longe do *tulou*, um destino diferente estava sendo decidido.

O ar do deserto estava limpo. No céu, o sol brilhava intensamente, fazendo com que os muros do mercado cintilassem tais quais uma miragem. O lugar era um dos poucos pontos de compra e venda na vasta estepe desértica, e estava muito movimentado. Pessoas de todo o mundo entravam e saíam, trazendo mercadorias para vender ou trocar. O mercado lotado estava borbulhando ao som de comerciantes negociando seda colorida, tapetes, joias e frutas. Uma miríade de línguas misturava-se no ar. Às vezes, a voz de um tradutor ajudando determinado comprador a conseguir uma barganha sobrepunha-se à balbúrdia. Apesar da adrenalina, a ordem reinava no lugar. Funcionários supervisionavam as operações comerciais, de modo a manter a honestidade de todos os envolvidos.

Montado em seu imponente cavalo, Böri Khan avistou o mercado no horizonte. Os seus músculos estavam protegidos sob uma

*image  
not  
available*



Suspensas no ar, suas pernas se moveram como se ele estivesse correndo. Determinação e raiva tomaram o seu rosto e, com um rugido poderoso, ele pousou sobre a muralha. Os guardas não eram páreo para a espada cortante de Khan. Mal dava para ver o metal chicoteando o ar.

Seguindo o seu líder, os outros Guerreiros das Sombras subiram a muralha também. Espalhou-se, então, o tilintar das espadas de guardas e guerreiros.

Ao avistar Xianniang, Böri Khan derrotou mais dois guardas e, em seguida, pulou para dentro do mercado. Sem perceber a sua presença, a bruxa continuou a lutar por si mesma. Rodeada por cinco guardas, todos maiores e mais fortes do que ela, Xianniang parecia nem se importar. Seu rosto era como uma máscara de tranquilidade e as suas mãos, constantes em seus movimentos. Ela parecia estar esperando que eles fizessem o primeiro movimento, mesmo que estivesse sozinha contra os cinco.

Cientes de sua vantagem, os guardas sinalizaram uns para os outros. Então, atacaram. Sacaram as suas longas lanças, mas as extremidades das suas armas não encontraram nada. Em um piscar de olhos, Xianniang agarrou a ponta da lança mais próxima e virou-a de volta para os homens. Seu corpo tornou-se um borrão de seda preta conforme ela girava. Quando parou, quatro dos guardas estavam no chão. O quinto estava de joelhos, tremendo. Mais jovem que os outros, ele encarou a expressão concentrada de Xianniang, seus olhos cheios de terror.

Böri Khan avançou. Detectando a presença dele, a bruxa desviou o olhar. Seus olhos se encontraram. Então, lentamente, Xianniang abaixou a lança. Böri Khan assentiu. O plano deles, o plano que ele tinha mantido em segredo até mesmo de seus próprios homens, funcionara. Ele estava satisfeito. Outros duvidaram que a bruxa lhe seria fiel, mas ele sabia o que estava fazendo. Xianniang não era

eram brilhantes e sábios, e apenas algumas marcas da idade podiam ser vistas em seu rosto, apesar de toda a responsabilidade que ele carregava. Mesmo que a notícia o tivesse atingido dolorosamente, o Imperador mantinha a calma. Era essa qualidade, entre muitas outras, que o transformara em um líder amado pelo povo.

– Quem é o responsável? – ele perguntou.

A resposta ficou presa na garganta do Chanceler enquanto o Imperador olhava para ele. Era quase impossível para ele esconder as suas emoções daquele homem.

– Rourans, Vossa Majestade – disse finalmente, sussurrando.

Mas as palavras foram ouvidas. Uma onda de choque varreu a sala, e os escribas começaram a sussurrar entre si.

O Imperador os ignorou.

– Quem é o líder? – ele perguntou.

– Ele se chama Böri Khan – o Chanceler respondeu.

– Eu matei Böri Khan – o Imperador disse, sua voz começando a soar tensa.

– O filho dele, Vossa Majestade.

O Imperador balançou a cabeça. O Chanceler sabia o que ele estava pensando. Não era possível. Como poderia o filho do homem que ele havia matado com as próprias mãos ressuscitar um exército inteiro? Ele passara anos trabalhando para certificar-se de que as forças rourans nunca mais se fortaleceriam. Quase perdera a vida dezenas de vezes, e agora eles estavam de volta? Ele balançou a cabeça novamente, lutando para controlar a respiração, que estava começando a ficar irregular.

– Eles foram *destruídos* – disse em voz alta, o som ecoando para fora das paredes da sala do trono. – Pergunto novamente: como é possível?

Antes que o Chanceler pudesse responder, uma vozinha foi

## CINCO



Mulan estava triste. Sentada em um banquinho desconfortável, ela tentava não se mover enquanto a mãe penteava os seus longos cabelos pretos, puxando fio por fio. Mulan estremecia quando os fios embaraçados eram dolorosamente puxados de sua cabeça.

Como tinha previsto, o processo de encontro com a casamenteira seria emocionalmente desgastante, mas ela nem tinha se lembrado de que também precisaria ficar fisicamente apresentável. É claro que não poderia ir à entrevista com a casamenteira toda maltrapilha. *Não, não, não*, sua mãe havia dito, indignada com a mera ideia de que Mulan pudesse aparecer toda mal-arrumada.

– É preciso apresentar-se para a casamenteira como você se apresentaria ao seu pretendente. Ou seja, perfeita. Devemos *todos* estar perfeitos. – E, então, como se Mulan já não soubesse, a mãe acrescentou: – O destino da nossa família está nas suas mãos, Mulan.

E era por isso que Mulan estava sendo preparada para se parecer com uma boneca de porcelana. Satisfeita com os coques presos no alto da cabeça da filha, Li voltou a atenção para o rosto. Havia potinhos sobre uma mesa próxima, cada qual cheio de um pó ou

ficava separada das outras. Fora recentemente pintada, e flores e ervas frescas floresciam no jardim da frente. A casamenteira era uma das pessoas mais importantes da pequena aldeia. Eram as suas conexões que formavam os casamentos entre os jovens e mantinham a aldeia próspera. As famílias passavam uma grande parte do tempo tentando conquistar a sua aprovação, pois ela significava, inevitavelmente, um casamento vantajoso para os dois lados.

Apesar dos constantes dotes que recebia e dos privilégios de sua posição, a casamenteira era uma mulher malvada e desagradável. Quando saía de casa, o que não fazia com frequência, ela sempre demonstrava uma cara feia e repleta de julgamento. Em mais de uma ocasião, Mulan havia desviado de seu caminho só para não cruzar com a mulher e sentir o seu olhar reprovador. E Xiu, quando ainda era pequena e inocente, havia dito uma vez que não era justo que uma casa tão bonita tivesse uma dona tão feia.

Mas não importava se a mulher fosse malvada e sua cara, feiosa. O futuro de Mulan estava em suas mãos.

Após apresentar Mulan a Fong Lin, a mãe de seu pretendente, a casamenteira fez sinal para que todas se sentassem. Rapidamente, Mulan e sua família sentaram-se. Por um longo momento, o silêncio encheu a pequena sala, e Mulan desejou ter um pedaço de pano ou algo para limpar as suas mãos suadas. Ela sabia o que tinha de fazer. Servir o chá. Provar que ela era digna do filho de Fong Lin. Parecia fácil na teoria... Caso Mulan pudesse controlar a tremedeira.

*Tenha calma, ela lembrou a si mesma. Lembre-se do que Xiu lhe disse – imagine-se fazendo algo de que você gosta. Apenas derrame o chá dentro das xícaras. É só o que você tem de fazer.*

Lentamente, Mulan estendeu a mão e levantou o bule de porcelana delicada. Quando começou a derramar o líquido nas

Observando o caos que havia se instaurado em torno dela, Mulan ainda estava estranhamente calma. Os olhos dela eram a única coisa que se moviam, rastreando o arco do bule e das xícaras no ar. Então, com um movimento rapidíssimo, ela puxou um dos quatro palitos que seguravam o seu cabelo. Com um, pegou uma xícara. Depois outra. *Clink. Clink. Clink.* Uma por uma, ela pegou as xícaras no ar, equilibrando-as sobre os palitos.

Mas o bule ainda estava caindo. Mulan viu que estava a poucos centímetros de se espatifar no chão. E não parou para pensar. Ela apenas agiu. Rápida como um relâmpago, estendeu o pé para fora. Fez uma careta ao ouvir o seu vestido rasgando, mas conseguiu segurar a alça do bule com o dedo. Ficou ali pendurado, enquanto as xícaras equilibravam-se precariamente sobre os palitos.

Por um longo momento, a sala ficou em silêncio. Mulan sentiu os olhos das outras quatro mulheres sobre ela, sua surpresa espelhando a dela própria. Ela tinha conseguido. Tinha evitado o desastre. A aranha desaparecera e o jogo de chá não se quebrara.

E, então, o seu longo cabelo espesso, sem os palitos que o estavam prendendo no lugar, começou a cair dos coques. Como a água vertendo de uma cachoeira, os longos fios caíram, cobrindo o rosto de Mulan.

Com a visão bloqueada, Mulan não tinha como se concentrar em um ponto. E, quase instantaneamente, ela perdeu o equilíbrio. A perna sobre o chão começou a tremer enquanto a outra no ar começou a balançar. Depois, os seus braços moveram-se para cima e para baixo e de um lado para outro, até que, com um grito, Mulan caiu.

*Plaft! Plaft! Plaft!*

Peça por peça, o jogo de chá espatifou-se no chão, quebrando-se em mil pedacinhos.

Deitada no chão, Mulan ouviu Fong Lin gritar de raiva e sentiu o

trás e, em seguida, evitando os seus olhos. Mulan pegou a bengala, que estava largada no chão onde ele a deixara, e correu para levá-la a ele. Mas sua mãe pôs uma mão em seu ombro, parando-a.

– Não faça isso – ela sussurrou. – Isso irá apenas humilhá-lo ainda mais.

Enquanto o magistrado voltou a ler os nomes das famílias do *tulou*, um jovem soldado desmontou de seu cavalo e ofereceu a sua mão para Zhou, que recusou. Segurando a perna com a mão, ele conseguiu, dolorosamente, ficar em pé. Depois, saiu mancando, de cabeça erguida.

Mulan o observou se afastando. O seu pai era um homem bom, mas muito orgulhoso. E o orgulho o mataria se ele fosse para a guerra.

armário da família.

Lentamente, ela abriu as portas. Elas rangeram um pouco e Mulan congelou. Quando viu que nenhuma vela fora acesa e que nenhum ruído viera dos quartos, Mulan soltou a respiração. E abriu mais as portas.

No interior do armário, estavam a armadura e a espada. A armadura e a espada usadas por seu pai na batalha de anos atrás. Pareciam novinhas. Com amor, seu pai as mantinha sempre limpas, lustrando-as ao menos uma vez por semana. Os olhos de Mulan focaram-se na espada. À luz da lanterna aos seus pés, o metal reluzia como se estivesse queimando por dentro.

Mulan puxou a espada. Suas mãos caíram ao sentir o peso surpreendente do objeto e ela teve de mover os pés para manter o equilíbrio. Ela ficou imóvel por um momento, acostumando-se com o peso e a sensação do metal em suas mãos. Nas raras ocasiões em que a perna não o incomodava, seu pai levava a espada para o quintal a fim de treinar. Ele fazia os movimentos parecerem tão fluidos que Mulan sempre tinha imaginado que a espada era leve como uma pluma. Mas, em sua mão, era pesada e desajeitada. Ao tentar levantá-la à frente, seus olhos cintilaram sobre três palavras gravadas na lâmina. Apertando os olhos, ela leu: LEALDADE. CORAGEM. VERDADE.

Uma nuvem moveu-se da frente da lua lá fora, enchendo a sala de luz branca. Naquele momento, Mulan viu o seu reflexo no aço da lâmina. Conforme virava a espada de um lado para o outro, as suas feições ficavam alteradas. As maçãs do seu rosto tornaram-se mais angulosas; seus olhos, arregalados; seus lábios, mais finos. Ela parecia uma versão diferente de si mesma.

Uma ideia começou a crescer em sua mente. Por que ela não poderia ser ela mesma e também outra pessoa ao mesmo tempo? Por que não poderia tomar o lugar do pai? Ela tinha tudo que

santuário da Fênix. Ele nem ouvia mais os trovões, nem via os relâmpagos. Estava repleto de mágoa. Era o culpado por tudo isso. Ele tinha empurrado Mulan para longe e a enviado em direção à morte.

Ao entrar no pequeno santuário, ele se ajoelhou diante de duas grandes tabuletas espirituais. Acreditava-se que esses objetos guardavam a sabedoria e os espíritos de todos os ancestrais e que eles ouviam e atendiam às orações... Zhou tinha esperança de que eles ouvissem a sua prece.

– Ancestrais – ele sussurrou. – Eu... peço a vossa ajuda. Minha filha cometeu um erro terrível. Por favor, protejam-na.

Quando terminou a oração, deixou as lágrimas caírem. Atrás dele, a tempestade chegou. E, em algum lugar lá fora, sua filha estava sozinha. *Mulan*, ele pensou, *sinto muito. Por favor, volte.*

Com a cabeça baixa, Zhou não viu uma ave pequena, feia e deformada saindo de trás da estátua da Fênix. Uma de suas asas estava caída, e a cabeça, estranhamente inclinada para o lado. O pássaro olhou para Zhou por um momento e, em seguida, pulou de trás da estátua e saiu do santuário. Estremeceu quando a chuva tocou suas penas, e, depois, com um suspiro resignado, saiu batendo as asas – a que era forte e a outra, fraquinha. E, assim, voou para longe do *tulou*.



Cidade Imperial, ela será recompensada com justiça. Como todos vocês.

Então, uma nova voz foi ouvida.

– Eu não me importo se há ou não há uma bruxa envolvida – disse Duba Tegin. O líder do clã das serpentes ficara em silêncio até agora. Os outros se viraram, curiosos para ouvir o que ele diria. – Meu problema é outro. É em Böri Khan que eu não confio. Ele precisa da nossa ajuda para ganhar o trono. Mas somos mesmo parceiros? Ou ele está nos usando para conseguir o que quer? – Ele apontou para os itens saqueados exibidos por todos os lados. – Conquistaremos riquezas. Ouro, joias. Mas quanto ouro um nômade pode carregar? A verdadeira recompensa é poder. Quando chegar a hora, Böri Khan não compartilhará o seu poder.

Houve murmúrios entre os outros líderes. Era uma boa pergunta. Arrumar as malas e transportar seus *yurts* quando a estação mudava, levar os rebanhos para novas pastagens... Esse era o seu modo de vida. Como eles não tinham lares permanentes, não tinham lugar permanente para guardar tais riquezas. Mas poder? Isso, sim, era algo *útil*.

Sentindo o clima que tomou conta do ambiente, Böri Khan estufou o peito.

– Todo mundo tem o direito de expressar as suas preocupações – rebateu. – Quem mais não confia em mim? – Ele fez uma pausa, deixando as suas palavras ecoarem pelo *yurt*. Os Tegins não falaram, mas ele podia ver a dúvida que permanecia em seus olhos. Ele não podia se deixar interrogar por eles. – Duba Tegin está certo. Riquezas não são poder. Quando o reino cair, dividiremos o poder entre nós.

Com essa declaração, os Tegins relaxaram e assentiram. Enquanto os outros homens desfrutavam da comida e da bebida, Böri Khan se virou e saiu do *yurt*. Ele foi andando calmamente até

mas até o grande cavalo parecia ter pouco calor para compartilhar. Quando fizeram uma curva no desfiladeiro, os olhos de Mulan se estreitaram.

O pássaro estava de volta.

Ele tremia tão violentamente que as poucas penas que tinha haviam caído, e com o bico batendo, a ave estava parada sobre o caminho coberto de neve. Parecia estar tentando bloquear o caminho de Mulan.

– Você... – Mulan disse, puxando as rédeas de Vento Negro. – O que você quer?

O pássaro soltou um grito triste.

Desmontando, Mulan se aproximou dele. De perto, a criatura parecia ainda mais feia. Mulan sentiu-se triste. O pobre pássaro estava doente, mas havia algo de familiar nele. E uma teimosia nos seus olhos fazia com que parecesse mais forte do que o seu corpo magro e decadente.

– Por favor – Mulan disse, desta vez com a voz suave –, afaste-se. O pássaro não se mexeu.

Suspirando, Mulan levantou o pé e tentou cutucá-lo. Para a sua surpresa, o seu pé foi recebido com resistência. Para uma coisa tão frágil, o pássaro era surpreendentemente forte. Mulan empurrou com mais força. O pássaro ainda não se mexeu. Soltando um grito, ela empurrou mais uma vez. Desta vez, conseguiu afastar o pássaro do caminho.

Mulan agarrou as rédeas de Vento Negro e passou pelo pássaro, deixando-o para trás. Ela olhou por cima do ombro e viu que ele ainda estava ali, observando-os partir. A mesma estranha sensação de tristeza tomou conta de Mulan e, por um momento, ela pensou em voltar para pegá-lo. Mas, então, balançou a cabeça. Ela não precisava de mais bagagem e, definitivamente, não precisava de um pássaro doente atrasando a sua jornada.

## OITO



Mulan sentou-se à beira de uma fogueira, tentando aquecer as mãos. A fogueira era pequena. Ela não tinha força ou energia para buscar mais gravetos nos bosques próximos dali. Mas, enquanto tentava se aquecer, ela desejou ter passado mais tempo recolhendo lenha.

Gemendo, ela tirou as botas do pai. Os trapos que tinha usado para preencher as botas, grandes demais para os seus pés, saíram vermelhos. As bolhas, algumas novas e outras antigas, estouraram e deixaram os seus pés em carne viva. Ela fez uma careta e os estendeu em direção ao fogo. Depois, pegou um saquinho onde guardara alimentos e olhou para dentro. Havia apenas uma maçã solitária. Suspirando, ela ofereceu para Vento Negro, que a devorou.

– Talvez, se eu implorar perdão, minha família me aceite de volta... – ela disse quando Vento Negro terminou de mastigar. O cavalo não respondeu. Olhando para o fogo, os olhos de Mulan se arregalaram.

A ave estava de volta.

Aquela mesma ave feiosa e estranha, que ela já tinha visto três vezes, sentou-se em um tronco próximo, observando-a. O

um sorriso. Ela não ficaria surpresa se ele batesse no peito e gritasse. Ainda assim, o que ele estava dizendo *era* intrigante, e algo que ela não considerara antes.

– Como *age* um homem, então? – ela perguntou.

– Pra começar, ele não come como uma mulher. – Mais uma vez, Skatch fingiu ser ela, pegando delicadamente um grão de arroz. – Homens comem como se fosse sempre a sua última refeição. – Dessa vez, ele imitou alguém enfiando comida na boca e depois passou a língua no ar, como se estivesse lambendo uma tigela. Mulan teve de se controlar de novo para não rir. Ele parecia um porco.

Mas era isso que Skatch queria dizer: homens se comportam como porcos. Eles também deveriam parecer quase sempre confiantes.

– Você entrou naquela taverna hoje à noite como se estivesse escondendo algo. – Dessa vez, ele imitou Mulan toda encolhida entrando na taverna.

Ramtish riu. Skatch parou e endireitou os ombros antes de continuar.

– Quando um homem entra em um lugar, ele age como se dominasse tudo ali. É o território dele. Você não precisa anunciar, mas tem que acreditar nisso.

Então, para a diversão de Mulan, ele realmente bateu no peito.

– *Rá!* – ele gritou. Depois, fez um gesto para Mulan ficar em pé ao lado dele. – Mostre-me.

Respirando fundo, Mulan caminhou até o monge. Ela plantou os pés no chão como ele. E também endireitou os ombros. Finalmente, bateu no peito, exatamente como ele tinha feito.

– *RÁ!* – ela gritou.

Aos seus ouvidos, a palavra pareceu um gritinho agudo. Mas Skatch pareceu satisfeito.

a ergueu no ar, com a extremidade apontada para o pássaro vindo em sua direção.

Dessa vez, o pássaro parou.

– Irmão? – Skatch perguntou, observando a interação com uma mistura de curiosidade e diversão. Ele não entendia por que o pássaro parecia ser tão protetor do guerreiro, mas estava claro que a criatura não queria que Ramtish chegasse perto dele. – Largue essa armadura. E a espada.

Ramtish olhou para ele surpreso.

– O quê? – ele disse. Ele e Skatch vinham trabalhando juntos por anos. Jamais, em todo esse tempo, Skatch deixara algo de valor para trás.

– Há algo nesse jovem de que eu gosto – Skatch disse, dando de ombros. Seus olhos permaneceram sobre o guerreiro.

Dormindo, o jovem parecia ainda mais inocente.

– Ele é um excluído, como nós – acrescentou.

– Fale por você – Ramtish retrucou. – Eu prefiro me considerar um campeão.

Skatch riu enquanto enganchava sua barba falsa atrás das orelhas e grudava-as de volta no lugar.

– Deixe o burro para ele também – Skatch disse. – Já que estou me sentindo muito generoso hoje.

Então, pegando as rédeas do cavalo, ele conduziu o grande animal para fora da clareira. Ramtish olhou uma última vez com desejo para a armadura e a arma, mas depois, com um suspiro, seguiu o companheiro.

Atrás deles, o guerreiro ainda estava em um sono pesado.

do pássaro não mudou. – Eu não preciso de você – Mulan acrescentou.

Dessa vez, a Fênix deu de ombros, mas os seus pensamentos eram tão claros como se ela os tivesse comunicado em voz alta. *O tempo dirá, seu olhar disse. O tempo dirá.* Então, com um último grito, a Fênix virou de costas sobre o burrinho. Ela parecia pronta para aproveitar a viagem.

Mulan suspirou. Parecia que a Fênix estava decidida a ir junto, precisasse Mulan dela ou não. Pegando as rédeas, Mulan puxou o burro em frente. Ela causaria uma ótima primeira impressão chegando ao exército com um burro e uma fênix que mais parecia um frango depenado.

Mas esse era um problema com o qual ela teria de lidar depois. Primeiro, ela precisaria chegar ao acampamento.



A viagem de Mulan parecia não ter fim, mas, então, terminou.

Quando chegaram à beira de um vasto espaço aberto, seus olhos se arregalaram diante da visão e dos sons do enorme acampamento militar. Bandeiras ondulavam ao vento no topo das grandes tendas cercadas por outras menores. O cheiro de comida espalhava-se no ar, fazendo o estômago de Mulan roncar mais uma vez. O som dos cascos dos cavalos se misturava ao metal estridente das espadas dos soldados treinando. Grandes portões foram montados nos arredores do acampamento. Diante deles, havia uma fila de centenas de homens, todos segurando papéis de serviço militar. A cada poucos minutos, uma dúzia deles ou mais era levada pelos portões e desaparecia dentro do acampamento fervilhante. Mulan observou tudo isso, tentando entender a cena movimentada à sua frente. Ela nunca tinha visto nada igual antes. Seus olhos se